

Espírito de luta se consolida

Esta é a quarta edição da *Folha Bancária Especial* comemorativa dos 90 anos do Sindicato. O visual, como nas anteriores, repete o utilizado pelo veículo de comunicação oficial da entidade à época.

No final dos anos 1980, o Sindicato consolida sua posição de luta pelos direitos dos trabalhadores e para que o país atinja a democracia plena, por meio da realização de eleições diretas em todos os níveis.

A categoria tem embate forte para evitar perdas com os sucessivos planos econômicos colocados em prática após a derrubada do regime militar em 1985. Tanto com José Sarney quanto com Fernando Collor de Mello, esses planos tiveram como um dos pilares a imposição do arrocho salarial.

Assim, entre 1987 e 1992, a categoria realizou sucessivas greves e manifestações para evitar a corrosão dos salários. Além dos reajustes, os bancários conseguiram garantir direitos, como o tíquete-refeição. Todas essas conquistas passaram a integrar a Convenção Coletiva de Trabalho (CCT), consolidada na campanha salarial de 1992, e persistem até os dias atuais, a exemplo da jornada de seis horas, assegurada em 1933, e o fim do trabalho aos sábados, de 1962.

A organização nacional dos bancários, iniciada a partir da retomada do Sindicato em 1979, foi ampliada com a criação da Confederação Nacional dos Bancários (CNB-CUT, hoje Contraf-CUT) e, no âmbito estadual, pela fundação da Federação dos Trabalhadores em Empresas de Crédito do Estado de São Paulo (Fetec-CUT/SP).

Cidadania – Essa coesão maior dos bancários também exerceu papel importante nas eleições presidenciais. Assim, após ter se empenhado no movimento pelas Diretas Já, as entidades sindicais assumiram posição clara no primeiro processo eleitoral para a Presidência da República e apoiaram a candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva no pleito com Fernando Collor de Mello (*foto abaixo*). Apoiado pelos principais meios de comunicação – entre eles a Rede Globo, que realizou o último debate entre os candidatos –, Collor saiu vencedor nas urnas.

A avaliação do Sindicato, ao apoiar Lula, no entanto, mostrou-se correta



logo nos primeiros dias do mandato do “caçador de marajás”, quando se deu o confisco das cadernetas de poupança, por meio da edição de pacote econômico e suas consequências para a vida dos brasileiros. Na ocasião, muitos bancários ficaram expostos e chegaram a adoecer e a se afastar por terem de enfrentar a ira dos correntistas e poupadores que, da noite para o dia, ficaram praticamente sem recursos.

Dessa forma, durante todo o mandato de Collor – pautado também por duros e sucessivos ataques aos direitos dos trabalhadores do Banco do Brasil e da Caixa Federal –, o Sindicato manteve campanha permanente de denúncias contra a política de seu governo. Ao lado da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e outros movimentos sociais, a entidade representativa dos bancários teve participação decisiva nas manifestações populares que culminaram com o *impeachment* de Collor (*foto acima*), decidido pelo Congresso Nacional em 1992.

O mandato presidencial foi concluído pelo vice, Itamar Franco, posteriormente sucedido por Fernando Henrique Cardoso, que vence Lula no segundo turno, em 1993, sacramentando o período marcado pelas políticas neoliberais no país.

Organização em São Paulo e no país

Com a promulgação da Constituição, em 1988, os bancários avaliam ser o momento de romper com a estrutura sindical vigente.

Assim, em dezembro de 1989, é criada a Fetec-CUT/SP a partir da reunião dos sindicatos de São Paulo, Araraquara, Bauru, Bragança Paulista, Catanduva, Guarulhos, Jundiaí e Limeira. A entidade foi criada para fortalecer estruturas regionais e incentivar a participação e a organização nos locais de trabalho.

No início dos anos 1990, é criado o Departamento Nacional dos Bancários (DNB), depois substituído pela Confederação Nacional dos Bancários (CNB, atual Contraf-CUT). A CNB nasce representando cerca de 80% da categoria

ria, pois participaram do congresso de fundação 415 delegados, de 57 sindicatos e cinco federações (três das quais cutistas), que elegeram a direção, com Ricardo Berzoini na presidência.

A nova estrutura previa uma importante modificação: embora filiada à CUT, a CNB não tinha estrutura orgânica central. Ou seja, permitia que inclusive não filiados à CUT pertencessem à entidade. A lógica permaneceu na Contraf-CUT. Naquele congresso também foi deliberada a filiação à Federação Internacional de Empregados, Técnicos e Profissionais (Fiet).

Hoje, a Contraf-CUT engloba 101 sindicatos e oito federações, que representam 89% da categoria em todo o país.

Jamais vão nos calar

A categoria bancária sempre sofreu ataques por lutar em prol de uma sociedade mais justa, desde a época do Estado Novo, com Getúlio Vargas, e na ditadura militar.

Mesmo após a “abertura”, a Bangraf (gráfica dos bancários) foi invadida em duas ocasiões por determinação do Tribunal Regional Eleitoral (TRE). A primeira na disputa entre Lula e Collor, em 1989. A segunda, em 1992, quando Paulo Maluf disputou a prefeitura de São Paulo. Naquele ano, também a pedido de Maluf, o TRE suspendeu por 11 dias as transmissões do programa *Rádio dos*

Bancários. Medida que sofreu crítica de vários segmentos da sociedade por seu caráter de censura, inclusive com passeata na região central (*foto*).

Nos tempos atuais, em 2006, duas edições da *Revista do Brasil* foram apreendidas por estampar numa capa a foto de Lula e na outra a de Dilma. No ano passado, a *Folha Bancária* foi recolhida ao colocar matéria sobre três candidaturas que disputavam o pleito municipal.

O Sindicato superou todos esses ataques e mantém seus veículos direcionados para a construção de uma sociedade com direitos iguais e justiça social.



Passeata com Lula reivindica papel social do crédito



Presidente da CUT à época, Jair Meneguelli discursa contra censura aos bancários

90
anos

FORTALECENDO A DEMOCRACIA

Linha do Tempo (1987 a 1992)

Esta é a quarta *Folha Bancária Especial* que conta os 90 anos do Sindicato. Os fatos mais relevantes da história dos bancários e do Brasil ocorridos entre 1987 e 1992 estão registrados nesta linha do tempo. Aqueles anos foram marcados pela luta contra os arrochos salariais decorrentes dos sucessivos planos econômicos. Foi também a época da promulgação da atual Constituição, quando, mais uma vez, os trabalhadores tiveram de lutar por seus direitos. Surgem a Fetec-CUT e a CNB (hoje Confrac-CUT). O Sindicato adquire o Martinelli, cria a Bangraf e investe mais em comunicação com a categoria e a sociedade.

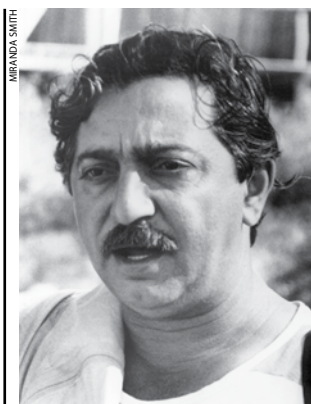
1987

Fracassa o Plano Cruzado I, governo Sarney lança o Cruzado II e, posteriormente, o Plano Bresser. A inflação atinge 394,60% ao ano. Em resposta, a categoria realiza a primeira greve nacional fora da data base, após o golpe de 1964, chamada "Bola de Neve". Ao todo, 640 mil bancários de diversos setores paralisam as atividades. A mobilização é registrada pela *TV dos Bancários (TVB)* com reprodução dos vídeos nos locais de grande concentração de trabalhadores



1988

A inflação chega aos 993,28% ao ano, pulverizando o poder aquisitivo dos assalariados. A categoria inicia greve por tempo indeterminado a partir de 14 de setembro, atingindo cerca de 65% dos bancos privados em nove estados



1988

Em 22 de dezembro, Chico Mendes, líder dos seringueiros e um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores (PT) e da Central Única dos Trabalhadores (CUT), é assassinado na porta de sua casa, em Xapuri, no Acre. O caso ganha repercussão internacional



1989

Em abril, a categoria faz sete dias de greve nacional, novamente contra o arrocho salarial. Sarney termina seu mandato em meio à recessão e inflação anual de 1.863,56%



1991

Surge Euriko, mascote da categoria até os dias atuais



1992

Sindicato adquire andares do Edifício Martinelli, no qual está a sede da entidade até os dias atuais

1992

Movimento sindical bancário conquista a Convenção Coletiva de Trabalho (CCT), válida para todos os bancários do Brasil, marco na luta da categoria. Entre os avanços do novo documento, a conquista do tíquete-refeição para os funcionários de seis horas



1987

A partir de 1º de janeiro os empregados da Caixa Econômica Federal, após terem participado da greve de 1985 e lutado durante o ano seguinte, têm direito a se sindicalizar e passam a ter os mesmos direitos da categoria



1987

Para atender à crescente demanda de informativos, como a *Folha Bancária* (diária à época), cartazes e adesivos, o Sindicato inicia o projeto da gráfica própria: a Bangraf



PROCURADOS TRAIADORES DO POVO



1988

A exclusão de direitos trabalhistas da Constituição provoca protestos dos bancários e da CUT. Em represália, a PF invade o Sindicato, prende dois diretores e apreende cartazes com fotos e nomes de parlamentares que votaram contra os direitos dos trabalhadores

1989

Primeiras eleições diretas para presidente do Brasil desde 1960. Sindicato e CUT apoiam a candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva. No entanto, Lula é derrotado no segundo turno por Fernando Collor de Mello



1991

Na campanha salarial, a Justiça do Trabalho é colocada de lado pelos representantes dos bancários e dos bancos. A categoria consegue a unificação do piso – reivindicação histórica do movimento sindical –, além da reposição salarial por um ano e o tíquete-refeição para funcionários com jornada de oito horas

1992

Em 6 de abril vai ao ar a *Rádio dos Bancários*, programa veiculado das 7h às 8h pela 890 kHz, Rádio Gazeta AM. Entre 5 e 16 de novembro o programa é censurado e tirado do ar por decisão do TRE a pedido de Paulo Maluf

GAZETA-AM-7 DA MANHÃ

★ 890 ★
RÁDIO DOS
BANCÁRIOS

Ruas do centro de São Paulo são palco para os artistas e as lutas da categoria



Cerca de 2 milhões de pessoas circulam diariamente pela região central da cidade de São Paulo. Esse espaço representa geograficamente 0,5% de todo o município. Os calçadões do centro novo e velho, fechados para o trânsito de carros, são palco perfeito para os artistas e para as mobilizações dos trabalhadores e dos movimentos sociais. É assim há muitos anos e quem frequenta o Edifício Martinelli, onde funciona a sede do Sindicato, vive, naturalmente, um pouco dessa cultura urbana.

São estátuas vivas, cantores, violinistas, comediantes que se misturam a passeatas e protestos que clamam por direitos e uma sociedade justa. Muitos desses artistas fizeram parte da construção da história da categoria. As manifestações organizadas pelo Sindicato são acompanhadas por bandas de música, em uma tradição que vem desde os anos 1950. Sempre foi uma forma de chamar atenção e mostrar que os bancários estavam nas ruas reivindicando. E assim é até hoje.

Dedé e a Banda do Peru são bons exemplos desse casamento entre arte e protesto. Divertiram quem

passava pelas ruas do Centro desde a década de 1970, animando manifestações e greves da categoria bancária. No ano passado, a região perdeu um pouco dessa alegria com a morte do cantor Dedé, aos 61 anos, e do saxofonista e líder da banda, o Seu Peru, aos 75 anos.

Dedé – O primeiro tinha alma de diva, com cabelo quase sempre descolorido, roupas grudadas ao corpo, extravagante. Dedé era office-boy de um cartório no Centro e, no início da década de 1990, surpreendeu os bancários ao cantar o *Rock das Aranhas*, de Raul Seixas, em uma grande manifestação que fechou agências bancárias da Rua Boa Vista, esquina com a Rua 3 de Dezembro, local que servia como palco de fortes mobilizações do Sindicato. Ao presenciar a cena, o então dirigente sindical Nelson Silva (que foi personagem nesta seção na primeira *FB 90 anos*), reconheceu seus dotes artísticos e o convidou para cantar em atos do Sindicato.

A tensão e o cansaço de dezenas de clientes nas filas eram muitas vezes amenizadas quando Dedé



Dedé, durante manifestação do Sindicato contra homofobia em 2012



Banda do Peru em atividade com os bancários nas ruas do Centro

entrava cantando: "Lá vem o Brasil, descendo a ladeira"... Nas ruas, era comum trabalhadores procurarem o artista de alma livre para pedir música em homenagem a algum colega. Cantarolar sua versão de *Borbulhas de Amor*, de Fagner, era um dos pedidos constantes dos bancários.

Peru – A Banda do Peru era mais formal. Seus integrantes quase sempre envergavam o clássico uniforme de cor vermelha para animar inúmeros protestos. Entrava ou saía músico, mas o mentor da banda, José Maria da Silva, o Seu Peru, estava sempre preparado para iniciar a apresentação tocando seu saxofone.

A canção mais pedida pelos bancários era *In The Mood*, de Glenn Miller, trilha sonora que abria e fechava os atos dos trabalhadores. Enquanto Seu Peru tocava, era confusão por lá, polícia pra cá, grito de reivindicações por todos os lados. Ele presenciava tudo isso de olhos bem abertos, mas sem parar de tocar.

Pode-se dizer que a luta do Sindicato teve trilha sonora nesses 90 anos e orquestrada por Dedé e pela Banda do Peru. E que a categoria continuará cheia de ritmo, inspirada pela arte tão bem simbolizada nessa maneira de fazer a luta da categoria.



“Se perder a ousadia é melhor ir embora”

Em 1979, o baiano de Serri-
nha, Gilmar Carneiro, entrou
para a diretoria do Sindicato,
após concluir o curso de Admi-
nistração de Empresas na Fun-
dação Getúlio Vargas (FGV).
Assumiu a vice-presidência da
entidade em 1982 e viveu o di-
fícil período da intervenção de
1983. Presidiu o Sindicato de
1988 a 1994 e só deixou a dire-
toria da entidade em 1997, mas
permanece conectado ao mo-
vimento sindical e considera a
sede dos bancários a sua casa.
Atualmente, Gilmar é assessor
do presidente da CUT, Vagner
Freitas. Apaixonado por comu-
nicação, mantém um blog com
atualizações diárias sobre políti-
ca e economia. Gilmar toca cla-
rinete, frequenta ao menos uma
vez por mês a Sala São Paulo e
estufa o peito para dizer que foi
para combater a ditadura que
entrou para o Sindicato.

Quem apresentou você ao movimento sindical?

Tita Dias (diretora do Sindica-
to na década de 1970). O marido
dela fazia Administração Pública.
Eu e o Luiz Gushiken cursávamos
Administração de Empresas. Ela
trabalhava no Banerj comigo (de-
pois no Real). Eu atuava no mo-
vimento estudantil desde 1974 e
no banco. Em 1973, antes de eu
entrar na universidade, mataram
o Alexandre Vannucchi (preso
pelo DOI-Codi e torturado até a
morte). Em 1974, prenderam 19
alunos da USP. Era jogo duro.
Em 1976, fiz campanha para o
Eduardo Suplicy para deputado
estadual. Minha família já era
militante na Bahia.

Quando você veio para São Paulo? E para o Sindicato?

Em janeiro de 1970 [para São
Paulo]. Fui trabalhar na Nova
Cantareira, na área administ-
rativa de uma loja de panela. Eu tinha
16 anos e era office boy. Só não ven-
di remédio e tecido, o resto eu vendi
de tudo. Já no Sindicato, foi quan-
do (1979) o Gushiken me chamou
e eu fiquei com muita dúvida se eu
vinha. Perguntei, “qual é a vanta-
gem de eu ir para o Sindicato?”. E
ele disse que tinha espaço para der-
rubar a ditadura. Foi essa a política
que me fez entrar.

Qual era o maior desafio de aproximar os trabalhadores do Sindicato?

Eram 24 mil bancários traba-
lhando à noite. Eu chegava cedo,
mas à noite, pegava uma Kombi
e ia distribuir a Folha Bancária.
Na eleição de 1982 eu propus que
tivesse diretor à noite. O banco
funcionava 24 horas.

Como foi assumir a presidência do Sindicato?

O difícil não foi assumir a pre-
sidência, foi sair. Você acostuma a
ser comandante de tropa, vai fazer
outra coisa e o papel de incen-



Gilmar Carneiro (esq.) e Luiz Gushiken na mobilização da categoria durante campanha salarial de 1990

diário e movedor de montanhas
você perde. Cuidei de boletim, re-
gionais, pegava a FB da semana e
perguntava para os funcionários
o que tinha saído no jornal de tal
dia. Sempre fui linha dura, sem-
pre trabalhei muito, mas sempre
exigi que as pessoas trabalhassem
muito também.

Como os banqueiros reagiam diante da organização do Sindicato?

Chamando a polícia, chama-
ndo o Deops, demitindo bancários.
Em alguns bancos tentavam cor-
romper dirigentes sindicais, com
dinheiro e festas para os pelegos.
Na ditadura isso era muito com-
mum. Quando não conseguiam,
colocavam a polícia para perse-
guir o trabalhador. Entramos
para arrepiar os patrões, para ar-
repiar o governo, para organizar
uma central sindical, um parti-
do político. Naquela época, ou a
gente ia brigar muito ou então
bancário não seria ninguém.

Em que período a precarização do trabalho foi mais latente no país?

Agora. Por conta das terceiri-
zações. Na nossa época tínhamos
um milhão de bancários. Hoje
três milhões de pessoas traba-
lham para banco e só tem 500 mil
bancários [no Brasil].

Como você avalia a atuação do movimento sindical bancário?

É muito mais difícil ser sin-
dicalista agora do que na nossa
época, quando a gente era preso.
Mas do ponto de vista da rela-
ção com a massa, com a socie-
dade, era muito mais agradável
e motivador.

Quais você considera serem as principais conquistas da sua gestão?

A principal foi aumento do pi-
so. Assim como no governo Lula,
uma das principais conquistas foi
o aumento do salário mínimo, a

valorização. Nada foi mais im-
portante para a classe trabalha-
dora que isso. O tíquete também
ajudou, mas o piso foi essencial.

Na época do Plano Collor, clientes com dinheiro bloqueado “iam pra cima” do bancário nas agências. Como o Sindicato lidava com isso?

A gente fazia muita campanha
de esclarecimento para conscien-
tizar a população. O Collor foi uma
estrela cadente, ele se desfez muito
rápido, foi fácil “bater no gover-
no”. As privatizações na época do
Fernando Henrique Cardoso, os
salários que ele congelou durante
10 anos, foi mais difícil [enfren-
tar]. Muitos funcionários do BB se
suicidaram. Foi uma coisa perversa,
foi mais difícil que a era Collor
para todas as categorias.

Que momento você considera mais importante na democratização do país?

Do ponto de vista histórico, os
três momentos fundamentais na
história do Brasil que a direita
não reconhece: a organização da
Teologia da Libertação da igreja
católica, a criação do Partido dos
Trabalhadores (PT) e a criação
da Central Única dos Trabalha-
dores. A CUT é a primeira cen-
tral sindical da história do Brasil.
O tempo do Brasil é agora, é o
século XXI. Acabaram com a teo-
logia da libertação, mas não aca-
baram com o PT e com a CUT.

Como foi sua participação na criação da CUT?

Para fazer a CUT nós fomos
pedir autorização para o Dom
Paulo Evaristo Arns, na casa dele,
em 1983. O Lula aprovou, Fran-
co Montoro, então governador do
estado, aprovou e Ulysses Gui-
marães foi a favor. Então fizemos
a CUT, que começou com uma
autorização da igreja, a igreja de
Dom Paulo. O que mais marcou
foi que a CUT deu voz e vez à
classe trabalhadora brasileira. A
morte de Margarida Maria Al-

ves (sindicalista rural morta em
1983 na Paraíba) causou grande
repercussão na mídia. Depois,
a morte de Chico Mendes (em
1988), membro da CUT e da
direção nacional, teve grande re-
percussão. Os patrões começaram
a ficar preocupados.

E sua história com a comunicação? Você foi o primeiro diretor de comunicação nacional da CUT.

Quando eu era diretor de co-
municação da CUT eu dizia que
nossa missão era fazer com que
a sociedade visse a Central como
algo importante pra ela. Da mes-
ma forma que a categoria via o
Sindicato como a lei, a CUT teria
de ser a lei. Hoje, 30 anos depois,
somos a quarta maior central
sindical do mundo e a maior da
América Latina.

Como foi levar suas experiências sindicais no Brasil para outros países quando você foi do Comitê Mundial da UNI

(Union Network Internacional)?

Foi uma guerra. O pessoal me
via como um comunista doido, co-
mo esquerda radical. A CUT era
vista como algo radical. Mas hoje
temos o Marcio Monzane (UNI
Finanças) que representa os ban-
cários e abriu muitas portas.

Qual o maior desafio para o movimento sindical hoje?

Não perder seu papel histórico:
o avanço da democracia. Nós ti-
vemos um papel importante que
foi acabar com a ditadura. Não
demos o passo qualitativo após
a ditadura. Tem de se fazer uma
nova Constituição, pois essa não
presta para o Brasil de hoje, ela é
nociva, ela tem imposto sindical,
representa o medo da ditadura.
Nós não temos que ter uma Con-
stituição que olhe pra trás, e sim
que olhe para o Brasil moderno.

Traduza a sua história de militância em uma palavra.

Ousar. Se perder a ousadia é
melhor ir embora.

